

NÃO É A MAMÃE, NÃO É A MAMÃE!

Ana Claudia Petryszyn Assis
Carla Maria Lima Braga

Este estudo tem por objetivo apresentar o caso clínico de uma adolescente, T., de 14 anos de idade, levantando hipóteses sobre o caso e conectando com alguns pontos da teoria de D. W. Winnicott.

T. já realizava atendimento na clínica psicológica da Universidade Estadual de Londrina devido ao diagnóstico de dislexia, fazendo parte de um projeto voltado para problemas de aprendizagem. Entretanto, a tia da adolescente procurou o atendimento psicológico devido ao fato de T., segundo a tia, não ter presente a figura da mãe e do pai.

T. mora com a avó paterna e recebe cuidados das tias, as quais são irmãs de seu pai. Sua mãe mora em Faxinal com seu parceiro atual e um filho de 8 anos de idade. Já, o pai mora em Curitiba com uma parceira a qual está grávida de uma menina.

Quando T. iniciou o atendimento psicológico, a mesma apresentava relatos relacionados sobre a vontade de sair e queixava-se do impedimento de suas tias. Em um dos atendimentos no qual foi realizado o desenho da família real e o desenho da família ideal, T. desenhou na família ideal um pai, uma mãe, ela mesma, um irmão e uma carinha de feliz com uma legenda “muito feliz que não para de brincar”. Diferente do desenho da família real T. escolheu a cor vermelha para realizar o desenho, afirmando que ser sua cor preferida. De fato, Winnicott (1975) já chamava a atenção para a questão do brincar afirmando que ter esta capacidade é saudável para o indivíduo, não fazendo parte apenas da infância, mas também na vida do jovem e do adulto, pois Winnicott coloca que o brincar encontra-se dentro de um espaço entre o externo e interno, sendo assim, um espaço para descansar, criar, entre outros. Segundo Winnicott (1975) *“é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu (self)”* (p. 80).

Dessa forma, pensando no caso de T. em que ao verbalizar esta possível vontade de brincar, infiro que na família real, na qual ela mora com a avó e suas tias, a adolescente não

tem este espaço para brincar, apenas como a mesma queixa-se nas sessões de ter constantes cobranças para estudar (até mesmo pela preocupação das tias devido ao diagnóstico de dislexia), proibições para sair de casa e até mesmo em estar com as amigas e amigos, portanto, não tendo um meio, uma maneira de descanso, de fazer algo gostoso, de relaxar, como T. afirma quando questionada sobre o brincar que ela escreveu no desenho da família ideal ela coloca: “que o brincar no sentido de que mesmo que briguem, no mesmo momento estão rindo também”. Ou seja, T. não tem este espaço com a família que ela vive e possa apenas ter este espaço quando passa as férias com a sua mãe, pode ser um dos motivos que T. revelar gostar tanto de ir para a casa da mesma, de possivelmente se sentir parte, de pertencer a, ser verdadeira, ser ela mesma.

Também, outro ponto ao qual chamou a atenção neste desenho e por alguns relatos da paciente, é o fato do possível desejo inconsciente de T. em ter essas figuras (de um pai e de uma mãe) na sua vida, mesmo tendo todo um ambiente favorável, tendo todo um amparo financeiro provido pela avó e suas tias. É importante colocar que T. mora apenas com a avó e as tias, as quais não são casadas e não têm filhos. Também, pode-se considerar que as tias e a avó de T. assumiram uma responsabilidade grande pela criação da adolescente e por medo de errar, T. acaba não tendo espaço para realizar coisas normais de sua idade.

Nesta mesma sessão do desenho da família real e ideal, T. relatou que sua avó comentou com a jovem que havia falado para a mãe de T. que estava apenas cuidando de T. e que quando ela quisesse a menina de volta nem precisaria ir ao juiz. Ao ser questionada se T. estaria esperando por este dia, T. afirmou com a cabeça, mas de uma forma defensiva relatou que era melhor por causa dos estudos.

Assim sendo, parece que existe uma falta de uma figura paterna e materna, pois, o pai, segundo T., quase não tem contato com este e relata ser ausente em sua vida. Outro dado que possivelmente confirmou este dado foi quando T. realizou o procedimento do jogo do rabisco no qual no centro da cartolina colocou eu e foi escrevendo tudo o que vinha em sua mente, e T. colocou as palavras: “mãe, tias, avó, avô, entre outros”, contudo, a palavra pai não apareceu. Sabemos da importância da figura de um pai ou alguém que faça esta função.

A ausência de sua mãe foi relatada em uma de suas primeiras sessões na qual T. ao falar de sua mãe se emocionou, afirmando ser difícil falar sobre ela, pois afirmava que “só de falar na mãe, já dava saudades” (SIC). No procedimento de jogo do rabisco, T. escreveu em letras grandes a palavra “saudades”, que ao ser questionada sobre quem ou o que T. sentia saudades, a adolescente relatou ser da mãe e de seu namorado, o qual tem uma história bastante parecida com a de T., pois ele mora com sua tia e tio, seu pai morreu, e com a mãe biológica não tem contato nenhum.

Winnicott desenvolveu uma teoria baseada na relação mãe-bebê, na qual apresentou a idéia da mãe suficientemente boa que é considerada assim se identificar-se com seu bebê e se adaptar às suas necessidades. Também, a mãe suficientemente boa permite à criança desenvolver uma vida psíquica e física fundamentada em suas tendências inatas para que ela possa experimentar um sentimento de continuidade da vida.

Seguindo esta linha de raciocínio, Ferreira e Vaisberg (2006) colocam que Winnicott depositava a importância da família como 'sustentadora emocional' do desenvolvimento saudável das crianças, a começar pela fundamental necessidade da relação suficientemente boa da mãe com seu bebê, incluindo aquele “adoecer” saudável, conhecido como preocupação materna primária, uma capacidade que permite o exercício pleno da maternagem no início da vida de uma criança. Colocava, então, o grande papel nesta mãe a qual é tão fundamental à constituição da subjetividade do bebê, principalmente, nos primeiros meses de sua vida. Portanto, “romper a continuidade de ser do bebê significa, pois, privá-lo de uma parte do seu espaço vital. Seria como romper a casca do ovo de um pintinho num período em que ele ainda se encontra em plena formação.” Paralelamente, Winnicott atribuiu ao pai e à família a função de proporcionar à mãe o apoio necessário à realização da acolhida segura e tranqüila do recém nascido.

Não se tem conhecimento de como foi a infância de T., pois estamos no início do trabalho, contudo é observável que a aos seis anos de idade esta teve um grande trauma, pois seus pais se separaram e ao mesmo tempo T. foi morar com a avó e a mãe foi embora viver em outra cidade. Normalmente aos seis anos de idade a criança está iniciando a vida escolar e se separando dos pais por certo tempo, entretanto, T. se separou dos pais de forma abrupta e

foi morar com outra pessoa, mesmo esta fazendo parte da família, possivelmente teve um período de adaptação grande para receber esta criança e ela mesma teve que se adaptar com a “nova mãe”. Será que a função da mãe e do pai foi totalmente desenvolvida e suprida pela presença da avó e as tias de T.? A adolescente relatou que elas não são sua mãe e que não irão substituí - lá, pois “tem uma só mãe e ela é única” (SIC). Dessa forma, pode-se supor que T. não se desligou, principalmente de sua mãe e sente a falta da mesma, levantando a hipótese de que a avó e as tias não suprem totalmente ou fazem este papel da função materna, o que é uma das preocupações da tia, quando buscou atendimento psicológico para T.

Possivelmente, o atendimento com T. seja pautado em um ambiente que possa acolher, no qual possa crescer e amadurecer como Winnicott coloca que através da relação terapêutica de suporte é possível que se construa um lugar capaz de abrir espaço a regressões sucessivas do paciente, viver a relação mãe e a criança ou até mesmo, se não tiver tido, construir isto, para que dessa forma, possa emergir o self verdadeiro, no seu tempo e em sua forma própria.

Também, é importante colocar que T. sendo uma adolescente o ambiente nesta fase desempenha um papel de grande relevância, pois é a continuidade do cuidado, do interesse do pai, da mãe e da família pelo adolescente. Assim, será que o ambiente de T. teve esta continuidade? Ou será que o ambiente ofertado pelas tias e avó suprem este interesse? Muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam das más condições ambientais; este fato apenas serve para enfatizar a vital importância do ambiente e da família para a maioria de adolescentes que de fato chega à maturidade. Sendo assim, será que T. possuem boas condições ambientais? Ou será que a busca pelo atendimento psicológico veio para suprir esta necessidade? Esta carência? Winnicott nos afirma que a mãe é aquela que exerce a função materna, mas no caso de T. houve uma descontinuidade, um abandono. A avó por mais que tente substituir este papel se vê em uma situação desconfortável, provavelmente, com as mudanças que a T. começa a ter. As exigências de T. agora serão diferentes pela entrada no mundo adolescente e a pergunta seria: estaria este ambiente preparado para enfrentar este desafio que a adolescente coloca?